NÓS SOMOS O QUE CONTAMOS? NÓS ENSINAMOS COMO SOMOS? UM CAMINHO BIOGRÁFICO - NARRATIVO PARA COMPREENDER ITINERÁRIOS DE PROFESSORES

Carmen Lúcia Abadie Biasoli /UFPel - cbiasoli@terra.com.br
Márcia Ondina Vieira Ferreira /UFPel – marciaof@ufpel.tche.br

Resumo: O presente trabalho volta o olhar sobre a vida pessoal do professor, considerando a maneira como cada professor ensina e que essa está diretamente dependente daquilo que ele é como pessoa quando exerce seu ensino. Para tal, propõe analisar a problemática da profissão docente a partir do estudo dos ciclos de vida profissional, com o propósito de obter uma melhor compreensão da pessoa do professor e, como conseqüência, sua atuação docente. Focaliza, ainda, a metodologia biográfico-narrativa como abordagem utilizada para compreender o entrelaçamento da vida pessoal com a prática docente.

Palavras-chave: Trabalho docente. Metodologia biográfico-narrativa. Ciclos de vida.

Esta escrita emergiu de uma pesquisa que pretende percorrer um caminho biográfico para uma compreensão mais ampla – ou pelo menos mais complementar – da prática pessoal e profissional do professor em diferentes espaços e tempos de sua atividade docente, cujo objetivo busca investigar como se dá o desenvolvimento profissional e pessoal dos professores de Artes Visuais da rede municipal de ensino da cidade de Pelotas/RS.

A reflexão aqui apresentada tem sua gênese na analise da problemática da profissão docente a partir de um caminho biográfico-narrativo dos professores, enfatizando as fases da carreira profissional. Assim, encaminhamos esta escrita para pensar o professor; um professor que se faz também a partir de múltiplos saberes e histórias de vida. A

profissão docente é uma profissão de interações humanas e um professor sempre se apresenta inteiro, com toda a sua personalidade.

O professor na relação pedagógica apresenta-se com toda a sua história e personalidade, pelo menos nas formas de ensino que implicam uma interação presencial entre professor e estudantes. A sua história pessoal, a sua trajetória pré-profissional, e, especialmente, a sua trajetória como aluno, tem uma influência decisiva no seu estilo de ensino. Tendemos a reproduzir, ou a excluir, quando professores formas de trabalho ou atitudes de professores que marcaram nossa vida escolar quando alunos. Acreditamos que os professores exercem uma profissão em instituições que são muito semelhantes àquelas nas quais passaram longos anos de suas trajetórias escolares. Essas experiências marcam profundamente a escolha do magistério como carreira profissional, a prática docente e as mentalidades dos professores e das professoras.

Queremos enfatizar que um professor se constrói ao longo de sua vida. O tempo é um fator determinante na construção da competência docente e a socialização profissional dos professores inicia muito cedo. Os professores, no exercício de seu trabalho, utilizam saberes adquiridos em suas experiências pré-profissionais, que envolvem as experiências familiares e escolares, nos processos de formação profissional, e utilizam ainda, saberes adquiridos na experiência do próprio magistério.

Defendemos, então, a possibilidade de compreender o professor a partir do estudo dos ciclos de vida, que indica a dimensão pessoal como fundamental no processo pelos quais os professores se constroem e dinamizam seu trabalho, deixando claro que o aperfeiçoamento profissional está associado ao desenvolvimento pessoal, ou faz parte dele, discutindo os ciclos de vida com base nas fases da carreira profissional, considerada como um todo, incluindo as experiências escolares da infância, passando pela escolha profissional - entrada no magistério – até o afastamento ou aposentadoria. E, por fim, apresentamos a metodologia biográfico-narrativa; para Bolívar (2006) é através dela que se pode mostrar "a voz" dos protagonistas cotidianos - os professores - seus relatos de vida e experiências, que tornam públicos seus interesses, percepções, dúvidas,

circunstâncias que influenciam, significativamente, ser o que são e agir como agem.

Trajetória biográfica em questão

A vida dos professores, as carreiras, os percursos profissionais, as biografias e até mesmo o desenvolvimento pessoal do professor, têm sido temas de estudos e objetos de investigações educacionais, tanto em âmbito internacional quanto nacional.

Para Nóvoa (1995 a, p.12) as produções sobre trajetórias (auto) biográficas são heterogêneas, de qualidade desigual, mas tiveram um mérito indiscutível: "(re) colocar os professores no centro dos debates educativos e das problemáticas da investigação". Os professores passam, então, a ser um "novo" foco de investigação, mas não na tentativa de encontrar um melhor método para seu ensino, ou pela importância dada à análise do ensino no cotidiano da sala de aula, ou ainda como destaca Nóvoa (1995 a, p.14), quando fala das fases do percurso evolutivo da investigação educacional, pela busca de "características intrínsecas ao 'bom' professor".

A atenção dos teóricos e pesquisadores, agora, volta o olhar sobre a vida pessoal do professor, considerando a maneira como cada professor ensina e que essa está diretamente dependente daquilo que ele é como pessoa quando exerce seu ensino. Isto aponta para a "impossibilidade de separar a pessoa e o profissional que habitam cada professor" (NÓVOA, 1995 b, p. 30).

Destacamos como significativo pensar sobre as razões que levam o professor a agir como age em sala de aula a partir do que nos diz Nóvoa (1995 b, p. 16):

> A resposta a questão, *Por que é que fazemos o que fazemos em sala de aula,* obriga a evocar essa mistura de vontades, de gostos, de experiências, de acasos, até que forem consolidados gestos, rotinas,

> comportamentos com os quais nos identificamos como professores. Cada um tem o seu próprio modo de organizar as aulas, de se movimentar em sala de aula, de se dirigir aos alunos, de utilizar os meios pedagógicos, um modo que constitui uma espécie da *segunda pele profissional.*

Concordamos plenamente com o autor e queremos com isso dizer que em nossa prática de trabalho temos evidenciado que as inter-relações entre as dimensões - pessoal e profissional - se constroem cotidianamente e que nossa vida pessoal, escolar, acadêmica e profissional redimensionaram - e continuam redimensionando - cotidianamente nossa atuação como professoras. Acreditamos, com certeza, que nosso desenvolvimento pessoal e profissional – juntos – constituíram- nos como professoras.

As pesquisas sobre professores vêm ganhando destaque no cenário internacional a partir dos anos 1980 e 1990, principalmente, no que se refere à formação, à profissionalização, à prática reflexiva como constituinte do exercício profissional, à identidade, aos saberes e aos ciclos de vida dos docentes.

Cabe, aqui, apresentar olhares de alguns teóricos sobre essa "nova" possibilidade de compreender o desenvolvimento pessoal e profissional do professor, considerando diferentes espaços e tempos das produções sobre o tema.

Para Pineau (2006, p. 331) o marco histórico do movimento sobre histórias de vida data do período que vai de 1980 a 2005, sendo que se pode dizer que os anos 80 foram de eclosão, os 90 de fundação e que, finalmente, o período de desenvolvimento ocorreu a partir de 2000.

Nos anos 80, surgiu a primeira utilização sistemática da abordagem autobiográfica para explorar o processo de auto-formação na vida cotidiana e comum.[1] Essa produção foi acompanhada no mesmo ano, como Pineau

[1] *Produire as vie: autoformation et autobiographe* de Pineau, publicado em Montreal e em Paris em 1983.

(2006, p. 330) nos fala, por outros autores que, de certa forma, criaram uma rede sobre histórias de vida e auto-formação, dentre eles destacam-se Pierre Dominicé e Christina Josso da Universidade de Genebra, Antônio Nóvoa da Universidade de Lisboa, assim como o próprio Gaston Pineau da Universidade de Montreal.

Os anos 90, na percepção de Pineau (2006), marcaram, além de uma diversidade de produções escritas sobre o tema, a criação de associações[2] que congregavam professores e pesquisadores para definir, discutir e regulamentar as possibilidades de trabalhar com histórias de vida. Em 1996, foi iniciada uma coleção em Paris, *Histoire de Vie et Formation*, que abriu um espaço de publicação para as produções que buscavam articular história de vida com formação que, na época, se multiplicavam. A criação desse espaço é assim comentada por Pineau (2006, p. 335):

> A série Formação abre-se para os pesquisadores sobre formação, inspirando-se nas novas antropologias para compreender o que é inédito nas histórias de vida. A série Histórias de Vida, mais narrativa, reflete a expressão direta dos atores sociais às voltas com o correr da vida ao darem uma forma e um sentido a ela.[3]

Como se vê, as publicações sobre histórias de vida em formação se consubstanciaram no período entre 1980 e 1990 no cenário internacional. A partir de 1990, ganham destaque as pesquisas realizadas por Zeichner (1993, 1995, 1998); Nóvoa (1991, 1992, 1995 a, b) e Tardif (1991, 2000, 2002), dentre outros, que trazem à tona discussões sobre a prática reflexiva como elemento importante do exercício docente, a história de vida dos professores e os saberes docentes, respectivamente.

---

[2] L'Association Internationale dês Histoires de vie em Formation - ASIHVIF – 1990/1991 (PINEAU, 2006, p.334).

[3] Em 2006, já há mais de 60 obras publicadas, por volta de 30 em cada série. (PINEAU, 2006, p.335).

Retornando a Pineau (2006), destacamos que o início do ano 2000 marca um momento de desenvolvimento diferenciado e de expansão sobre histórias de vida. Para o autor é possível entender esse desenvolvimento considerando três grupos: os iniciadores – pioneiros – dos anos 80, como os já citados Dominicé, Josso e Pineau; os contribuidores, pessoas e grupos que, fora da associação, contribuíram para a utilização das histórias de vida em formação através de pesquisas para a difusão de seus desenvolvimentos metodológicos; os inovadores, situados entre os iniciadores e os contribuidores, que buscaram a autonomia e a criação através de "ligações flexíveis, de inter e trans-ações", os mediadores entre os outros dois grupos. (PINEAU, 2006, p.336).

Aqui no Brasil, nos anos 80 e a partir de 1990, se consolidam, também, os discursos acadêmicos sobre

> formação de professores quanto ao desenvolvimento profissional, articulando-se com categorias teóricas no campo dos saberes docentes, identidade, histórias de vida como dispositivo de formação inicial e continuada, profissionalização, desenvolvimento pessoal e profissional, bem como em relação às possibilidades teórico metodológicas da pesquisa na área educacional. (SOUZA, 2006, 31).

Tais pesquisas vinculam-se ao movimento internacional de formação ao longo da vida, que considera a experiência do sujeito adulto como fonte de conhecimento e de formação.

Portanto, nestes últimos quinze anos as pesquisas não só sobre histórias de vida, mas também os estudos biográficos /autobiográficos ganham visibilidade no Brasil. Há um crescimento de fóruns[4] que possibilitam discussões e consolidam pesquisas sobre histórias de vida como no caso, a exemplo, os encontros da Associação Nacional de Pós-Graduação

[4] Os encontros da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação – ANPed - onde foram identificados 40 trabalhos sobre esses temas, no período 1991 e 2001, e os congressos do Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino, – ENDIPE – de 1998 a 2000, que registrou 35 trabalhos. (BUENO, CHSMILIAN, SOUZA, CATANI, 2006, p.386).

e Pesquisa em Educação- ANPed e os congressos do Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino – ENDIPE.

Configuram-se, assim, inúmeras possibilidades de estudar o professor, sua formação inicial e continuada, seus saberes, sua identidade seu desenvolvimento pessoal e profissional. No entanto, pensamos ser de fundamental importância compreender o significado das diferenciadas terminologias como biografia, autobiografia, relato de vida e história de vida, enfim todas aquelas que estampam vida em seu título.

É em Pineau (2006, p. 340, 341) que encontramos as devidas explicações para cada uma das terminologias para estudar o professor. A biografia é entendida como escritura da vida de outrem; autobiografia como escrita de sua própria vida; o relato de vida destaca a expressão do vivido pela narrativa e, por fim, a história de vida que entrelaça biográfico, autobiográfico e relatos de vida. Essa diversidade de correntes, e até mesmo contracorrentes, indica a força do movimento biográfico que para Pineau (2006, p.342) é multiforme, mais do que uniforme, pois

> o futuro das histórias de vida se inscreve assim nas relações de um desafio bioético tenso entre um paradigma do comando e do controle e aquele da automização . Ele é incerto e não resolvido. Porém nessas lutas de poder pelo acesso aos saberes sobre a vida, seu domínio representa um meio vital estratégico para construir sentido e produzir sua vida.

Convém observar, como diz o autor, que a corrente das histórias de vida pode fazer dessas práticas uma poderosa fonte de autonomia ou, ao contrário, de submissão dessas pessoas**.** Há, no entanto, que se ficar atento para o uso dessas abordagens, apesar do sucesso no terreno das práticas e no debate teórico, tanto Nóvoa (1995) quanto Pineau (2006) dizem que é preciso entender que existem fragilidades e ambigüidades. Nóvoa (1995 a, p.19) reforça a necessidade de atentar para os seguintes motivos: de um

lado, pensar que o sucesso dessas abordagens pode ser perigoso porque provoca os "efeitos de moda" e, por outro lado, porque "tende a dar guarida a experiências pouco consistentes e até eticamente reprováveis". Pineau compartilha com Nóvoa essa preocupação, uma vez que para ele surgiram abordagens em profusão que necessitam, sem dúvida, um esforço de elaboração teórica baseada numa reflexão sobre as práticas, porém não numa ótica normativa e prescritiva.

Seja como for, pode-se dizer que o uso das biografias, autobiografias e histórias de vida vêm contribuindo para renovar a pesquisa educacional, basicamente, no que diz respeito à formação de professores e, como diz Catani et al (2006, p.402), aflorando o interesse por "temáticas novas, tais como as que se configuram nos estudos sobre profissão, profissionalização e identidades docentes".

É importante dizer que o trabalho seja com histórias de vida, com relatos de vida ou com biografias/autobiografias, servirá de suporte para orientar e clarificar a posição a sustentar diante dos desafios da vida e da história: "saber melhor de onde viemos" (DOMINICÉ, 2006, p.356). Por outro lado, é igualmente significativo pensar sobre as razões que levam o professor a agir como age em sala de aula a partir do que nos diz Nóvoa (1995 b, p. 16):

> A resposta a questão, *Porque é que fazemos o que fazemos em sala de aula,* obriga a evocar essa mistura de vontades, de gostos, de experiências, de acasos, até que forem consolidados gestos, rotinas, comportamentos com os quais nos identificamos como professores. Cada um tem o seu próprio modo de organizar as aulas, de se movimentar em sala de aula, de se dirigir aos alunos, de utilizar os meios pedagógicos, um modo que constitui uma espécie da *segunda pele profissional.*

Com relação ao processo profissional do trabalho docente, destaca-se a concepção de Nóvoa (1995, p. 25) sobre a importância do

desenvolvimento pessoal nesse processo. Para o autor, as categorias de dimensões, pessoal e profissional são fundamentais para compreender a formação dos professores num contexto de mudanças, afirmando de forma categórica que:

> Urge por isso (re) encontrar espaços de interação entre as dimensões pessoais e profissionais, permitindo aos professores apropriar-se dos seus processos de formação e dar-lhes um sentido no quadro de suas histórias de vida.

Isto deixa evidente que o professor é uma pessoa, tem uma dimensão pessoal e, como tal, possui uma singularidade e uma história própria, que produz sentido e significado no processo de aprendizagem e de formação profissional. A dimensão profissional refere-se a sua formação, tanto inicial quanto continuada, as relações entre os saberes e a experiência da docência, ou seja, a percepção do professor sobre sua profissão e sobre sua prática cotidiana em sala de aula. Desta forma, para Nóvoa (1995) não há como separar o eu pessoal do eu profissional, eles se entrecruzam e se inter-relacionam mutuamente. Emerge daí a necessidade de compreender a trajetória profissional dos professores, o que se configura como um processo de conhecimento, um conhecimento das relações que cada pessoa estabelece consigo mesma, com o seu processo formativo e com as aprendizagens que construiu ao longo da vida.

Professor em ciclos

Encaminhamos, neste momento, esta escrita para a apresentação de mais dois olhares teóricos: um que atenta para a trajetória do professor a partir dos ciclos de vida, pessoal e profissional; o outro que busca compreender a trajetória do professor centrada na experiência, ou seja, as fases da carreira docente.

O estudo do ciclo de vida profissional destaca aspectos significativos da história pessoal e da trajetória profissional para uma melhor compreensão da pessoa do professor e, como conseqüência, de sua atuação docente.

Esses aspectos são basilares para toda e qualquer proposta de mudança e aprimoramento profissional. E mais, tais estudos indicam a dimensão pessoal como fundamental no processo pelos quais os professores se constroem e dinamizam seu trabalho, deixando claro que "o aperfeiçoamento profissional está associado ao desenvolvimento pessoal, ou faz parte dele" (BOLIVAR, 2002, p.8). Isto quer dizer que o que a pessoa é ou sente não pode vir dissociado do exercício profissional.

Para o autor, o desenvolvimento profissional compreende três grupos de fatores: o professor como pessoa, o contexto em que trabalha e os incentivos e programas para uma evolução profissional. Daí a importância dos estudos sobre o ciclo de vida do professor para possibilitar uma maneira de promover conhecimento tanto da evolução profissional quanto do aperfeiçoamento da escola. Bolívar (2002, p.11) adiciona que os programas de desenvolvimento profissional a partir desse conhecimento

> não devem contentar-se com proporcionar determinados recursos ou incentivos a mudanças particulares, sem articular um sistema formativo, suficientemente flexível para que professores e professoras possam compor o itinerário pessoal mais condizente com sua evolução.

Desta forma, ações formativas planejadas externamente numa ampla lista de ações pontuais de formação, sem conexão direta com as situações de trabalho e as trajetórias profissionais, não surtem os efeitos desejados. Deve-se, em se tratando de uma proposta formativa, levar sempre em consideração a idade, a etapa da carreira profissional, as experiências vitais e os fatores de gênero, ou seja, o professor como "pessoa total" (BOLIVAR, 2002, p.8). E o autor continua dizendo que "depois de perfilar estruturas

favoráveis à mudança educativa, demo-nos conta de que no final o que importa é a maneira como os professores e professoras sentem, pensam e agem".

Estudar o curso de vida de uma pessoa requer compreensão do percurso por ela percorrido, devendo ser analisado diacronicamente em função de um conjunto de etapas como idades, circunstâncias sociais e históricas e estágios profissionais. Tais estudos obedecem a certo grau de normatividade, seguindo as seqüências de fases/estágios pelos quais costumam passar os seres humanos; no entanto deve-se considerar, também, o conjunto de acontecimentos sócio-históricos e eventos individuais inesperados na vida de cada pessoa. Para Bolívar (2002, p 22) o termo "curso" indica "seqüência temporal progressiva como conjunção de estabilidade e mudança, com continuidades e descontinuidades".

Nessa perspectiva, a carreira profissional é considerada como um todo, desde as experiências escolares da infância, até o afastamento ou aposentadoria. Portanto, o modelo dos "ciclos de vida" possibilita uma compreensão mais ampla – ou pelo menos mais complementar – do desenvolvimento profissional e pessoal dos docentes.

Professor em fases

Para compreender as fases na carreira profissional, encontramos em Huberman (1995) o modelo centrado nos anos de experiência docente e não na idade. Para o autor o desenvolvimento de uma carreira é um processo que para alguns pode ser linear, mas para outros, há momentos de altos e baixos. O estudo da carreira docente possibilita "a compreensão do percurso de uma pessoa numa determinada organização e a forma como as características dessa pessoa influenciam a organização e são, ao mesmo tempo, influenciadas por ela" (HUBERMAN, 1995, p. 38).

Para o autor existem modificações nas fases da vida profissional, que não são ocasionadas pela idade, mas sim pelas condições de tempo e lugar determinados, elas ocorrem pelas situações de oportunidades e limitações vividas. E mais, elas acontecem em diferentes territórios pelos quais as

pessoas costumam transitar, quebrando, por vezes, a linearidade das experiências vivenciadas. Com relação a esse fato Bolívar (2002, p. 52) diz que:

> O desenvolvimento de uma carreira é um processo que, embora pareça linear, apresenta avanços, recuos, descontinuidades ou mudanças imprevisíveis. A carreira do professor ou professora será uma criação conjunta da interação dialética entre o que queriam ser (fatores maturativos e psicológicos) e os fatores do ambiente social.

Cabe destacar que não se podem prever com segurança as fases de cada professor (HUBERMAN, 1995). Isto porque para Bolívar (2002, p. 46):

> A vida de professores e professoras passa por uma sucessão de etapas ou fases que configuram seu ciclo de vida; caracterizadas, entre outras coisas, pelo predomínio de preocupações, atitudes, e vivências diante de trabalho, articulados com outros domínios da vida, em especial com o ambiente social.

As fases/estágios na carreira profissional e suas possíveis derivações de novas fases dependerão dos acontecimentos ocorridos nas trajetórias individuais dos professores, determinados pelos sujeitos do arbítrio da própria maturidade ou pelo ambiente social.

A carreira docente caracteriza-se por diferentes fases que constituem o ciclo de vida profissional dos professores. O modelo proposto segue a ordem geral das fases, admitindo, porém, uma grande diversidade com relação às variáveis históricas, institucionais e psicológicas que

configuram uma determinada geração, ou seja, pessoas de uma mesma idade e um conjunto de experiências comuns num certo espaço de tempo.

As fases propostas pelo autor são em número de cinco, conforme descritas no quadro a seguir:

Fases por anos de carreira

ANOS DE CARREIRA	FASE DA CARREIRA
1-3	Exploração entrada na carreira
4-6	Estabilização consolidação de um repertório pedagógico
7-25	Diversificação/ questionamento
25-35	Conservantismo serenidade – distanciamento afetivo
35-40	Desinvestimento sereno ou amargo

Huberman (1995) destaca que as três primeiras fases são comuns à maioria dos professores. A primeira fase é chamada de *exploração* e transcorre durante os três primeiros anos de ensino. Essa fase indica a entrada na carreira, pode ter momentos fáceis ou difíceis, definindo-se os contornos da nova profissão. Há, nessa fase, um confronto entre os ideais e a realidade do cotidiano escolar. É o momento da descoberta, por parte do professor, de sua própria atuação, de seus alunos e de sua integração no coletivo profissional.

A fase que se situa entre 4 e 6 anos é a da *estabilização,* marcada pela consolidação de habilidades práticas, de um modo próprio de trabalhar. O professor busca nesse período, uma autonomia profissional na execução do trabalho, pela capacidade de tomar decisões próprias – surge o estilo pessoal de comandar a classe e a autoridade passa a ser mais natural, mais espontânea, delineando-se a identidade profissional desse docente. A partir dessa fase os percursos individuais parecem divergir mais

Outra fase é a *diversificação ou questionamento* que abrange o período que varia entre 7 e 25 anos de experiência docente. Uma fase caracterizada por duas situações: por um lado, existem professores que procuram comprometer-se com o trabalho de ensino, buscando novas experiências pessoais; por outro lado, alguns professores, devido às limitações institucionais do trabalho, sentem-se prejudicados no desempenho em sala de aula e, como saída para a carreira, buscam novos desdobramentos como, por exemplo, direção, assessorias e responsabilidades administrativas. Nessa fase, os professores procuram preservar o *status* adquirido buscando a atualização que permite conservar o entusiasmo. Não obstante, a fase de diversificação pode desencadear um período de incertezas, variando de pessoa para pessoa.

A fase que está situada no período entre 25 e 35 anos de docência é denominada c*onservantismo.* É comum, nessa etapa, aparecerem sintomas podem variar desde um ligeiro sentimento de rotina até uma crise existencial que questiona a continuidade – ou não - da carreira profissional. Os docentes estão, geralmente, mais calmos e costumam sentir certo desalento em enfrentar novos desafios. Tornam-se mais reflexivos e menos preocupados com os problemas de classe/grupo. Há certa distância afetiva com relação aos seus alunos, uma distância, na maioria das vezes, criada pelos próprios alunos em razão da diferença de idade e incompreensão mútua.

Por fim, a última fase é a do *desinvestimento* (sereno ou amargo) que ocorre entre 35 e 40 anos de docência. É um período em que os professores adotam uma atitude mais conservadora, mais crítica frente às novas gerações de alunos, a colegas jovens, reagindo de forma mais prudente diante das medidas de política educativa e das propostas de mudanças. Nessa fase, considerada o período do fim de carreira, manifesta-se um processo de desaceleração e desengajamento do trabalho, seja por limitações pessoais, seja por preocupações de ordem pessoal, no qual os professores participam menos das ocupações profissionais, mais das atividades de lazer, libertando-se, progressivamente, do investimento no trabalho, para dedicar mais tempo a si próprios. È o momento de fazer um

"balanço" da vida em função do tempo que ainda falta para encerrar a carreira profissional.

Nesse sentido, o estudo das fases que balizam a carreira docente, através das histórias pessoais da experiência profissional, permite a elaboração de um inventário de vivências, saberes e competências profissionais e, na medida em que trabalha a biografia narrativa, possibilita a análise dos aspectos essenciais desse desenvolvimento e a compreensão da pessoa do professor como capaz de orientar sua vida a partir dos acontecimentos sócio-históricos e dos eventos individuais.

Caminho biográfico-narrativo em discussão

Pelo que foi argumentado até o momento, pode-se dizer que o caminho escolhido para o estudo dos ciclos de vida aponta para uma metodologia que privilegia os aspectos qualitativos, porque o foco de interesse é compreender os modos como os professores dão sentido ao seu trabalho e atuam em seus contextos profissionais. Isto não envolve apenas aspectos da atuação do professor na instituição escolar, mas também fatos relacionados ao desenvolvimento da vida profissional do professor, levando em conta as etapas da carreira, as experiências vitais e os fatores histórico-sociais que configuram esse professor como uma pessoa total. Levantando, ainda, os indicadores dos processos formativos dos e nos professores que determinam as práticas cotidianas em sala de aula e das experiências decorrentes dos percursos individuais de cada professor, o que implica em ouvir professores.

Para o estudo dos ciclos de vida dos professores a abordagem é a biográfico-narrativa, possibilitando aos professores falarem sobre o que conhecem e fazem, o que faziam ou o que poderiam ou deveriam fazer, ou seja, permitir a explicitação das dimensões do passado que pesam sobre as situações atuais e sua projeção em formas desejáveis de ação. Isto porque os professores, como pessoas, realizam um ensino com um conjunto de habilidades e conhecimentos pessoais adquiridos ao longo da sua história de vida. Assim, o conhecimento do professor tem um caráter biográfico, que é fruto da interação da pessoa e do contexto.

Bolívar (2002, p.176) diz que a metodologia biográfico-narrativa possibilita "diagnosticar o ciclo de vida, a trajetória profissional a tomada de consciência do processo de formação, a auto-percepção de cada grupo de professores segundo o ciclo de vida profissional".

Assim, o relato biográfico permite a construção dos percursos dos professores e através deles que se pode identificar as experiências, os momentos, os reencontros significativos para a formação e para a escolha da profissão de educador. O enfoque biográfico como observa Dominicê (Apud BOLIVAR, 2002, p. 137.) "introduz uma dimensão literária no campo científico". Ao que Bolívar (2002, p. 137), completa dizendo que "a palavra registrada merece atenção que não a mera redução a algumas categorias de análise. O texto requer amiúde ser citado tal qual para que seu sentido seja legitimamente restituído".

Desta forma, o relato de experiência, situado devidamente no curso da vida, expressa ao mesmo tempo o peso das determinações pessoais, institucionais e sociais nas trajetórias individuais e as relações dos próprios professores com essas determinações.

O estudo sobre o ciclo de vida dos professores assume um caráter quanti-qualitativo, porque combina questionário com entrevista. O questionário permite conhecer características e expectativas formativas comuns no coletivo, já as entrevistas possibilitam obter uma visão longitudinal e pessoal dos processos de desenvolvimento que particularizam aspectos gerais indicados nos questionários.

As entrevistas biográficas são semi-estruturadas e Huberman (1995) propõe um conjunto de questões abertas que convidam o interlocutor a estruturar inteiramente ao seu gosto a resposta das questões. O que importa na entrevista biográfica é a história familiar, a história da formação inicial e contínua e a história sócio- profissional. Um enfoque biográfico narrativo requer que o pesquisador não aplique um esquema fortemente estruturado no diálogo/entrevista.

Huberman (1995) sugere a realização de biogramas que definem linhas esquemáticas dos principais fatos ou acontecimentos, assim como incidentes críticos, divididos por seguimentos que são interligados para

receber um sentido de conjunto. Um biograma pode ser dividido em três colunas indicando a cronologia, os acontecimentos e os incidentes críticos, proporcionando os elementos-chave na estrutura da vida de um professor

Bolívar (2002, p.189), numa perspectiva biográfico-narrativa, entende que os incidentes críticos "manifestam aqueles eventos na vida individual, normalmente imersos num contexto institucional ou social, que são selecionados em função da atribuição de um impacto em direções particulares". Portanto, os incidentes críticos situam no tempo os acontecimentos significativos da vida de um indivíduo incorporando-os a uma cronologia personalizada.

Através do biograma pode-se, então, elaborar a trajetória ou perfil profissional de cada professor, analisando verticalmente os suportes de cada relato de vida e representando as trajetórias individuais como um encadeamento cronológico de situações administrativas, compromissos adquiridos, cargos ocupados, descontinuidades e atividades formadoras.

Outros instrumentos, também, poderão ser usados para a coleta dos dados e análise de dados biográficos, como notas de campo escritas pelo pesquisador ou pelos professores; diários dos professores participantes; fotografias, memórias e outros artefatos pessoais da vida profissional e pessoal que contêm recordações de experiências; documentos pessoais ou da instituição de ensino como currículo pedagógico ou portifólio.

Nós somos o que contamos? Nós ensinamos como somos?

O caminho biográfico- narrativo para a compreensão dos itinerários profissionais possibilita a construção de um inventário de experiências e competências profissionais vivenciadas e, ao mesmo tempo, permite uma compreensão global da pessoa. Seu desempenho profissional pode atuar como um espelho crítico que devolve a imagem para que possa ser repensada, refletida, analisada e reconstruída. Isto porque a maneira de ensinar de cada professor está diretamente dependente daquilo que ele é como pessoa.

É possível aqui aproximar as teorias de Huberman e de Bolívar sobre o estudo dos ciclos de vida. Huberman (1995) trabalha em suas pesquisas, também, com ciclos de vida, porém enfatiza as fases da carreira docente. Para Bolívar (2002), o estudo dos ciclos de vida fornece as coordenadas da evolução pessoal e profissional do docente, o que permite obter instrumentos para discutir, também, os processos formativos desses docentes. Tanto Huberman (1989) quanto Bolívar (2002) admitem que, através deste estudo, existe a possibilidade de melhor compreender a profissão docente, levando em conta as variáveis históricas, institucionais e pedagógicas que configuram o itinerário de cada professor. Huberman (1995) aproxima-se mais uma vez de Bolívar (2002) quando destaca como fundamental conhecer as mudanças de vida, o enfrentamento das crises e os compromissos institucionais que os professores enfrentam, para, então, propor mudanças significativas no processo formativo e no aprimoramento profissional dos docentes.

Compartilhamos, também, com o pressuposto de que o professor é a partir de suas experiências e aprendizagens construídas ao longo de sua vida. Aproximamo-nos de Josso (2006) quando diz que o entendimento de sua trajetória de vida é de fundamental importância para o próprio professor, pois conhecer-se biograficamente/ autobiograficamente é caminhar para si. E mais, a história de vida como "revisitação dos elos que nos habitam são capazes de desatar nosso passado para nos atarmos com ele abrindo possibilidades" (JOSSO, 2006, p. 376). Isto significa que revisitar nossa história é a possibilidade de entender como nos tornamos o que somos; o que sabemos sobre nós mesmos e como ensinamos.

Destacamos, aqui, a importância de conhecer a trajetória pessoal e profissional dos professores para posteriores propostas de inovação, o que evitaria a seguinte, e tão usual, pergunta: "Quem sabe o problema é do professor e não da proposta de inovação?" Culpar o professor pelo fracasso da mudança é desprezar o momento da carreira em que se encontra esse professor.

É a voz do professor que precisamos ouvir e dela extrair considerações que permitam compreender o entrelaçamento de suas

histórias e trajetórias em diferentes espaços e tempos de sua vida pessoal e de sua prática docente. É essa escuta que precisamos considerar antes de qualquer julgamento, seu relato de vida ao transpor sua voz revela suas reais necessidades. Só ele sabe de si, das relações que estabeleceu com o seu processo formativo e com as aprendizagens que construiu ao longo da vida. Só ele pode contar como ele é; só ele sabe das razões que tem para ensinar como ensina.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÀFICAS

BOLIVAR, Antônio (org.) *Profissão professor. Itinerário profissional e a construção da escola.* Bauru (SP), EDUSC, 2002

_____, DOMINGO, Jesús. *La investigación biográfica y narrativa en Iberoamérica: Campos de desarrollo y estado actual* Volumen 7, No. 4, Art. 12 – Septiembre 2006 http://www.qualitative-research.net/fqs-texte/4-06/06-4-12-s.htm

CATANI, Denice Bárbara et al. *Histórias de vida e autobiografias na formação de professores e profissão docente(Brasil, 1985-2003).* Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 32, nº2, maio/ago, 2006, p.385-410.

DOMINICÉ, Pierre. *A formação de adultos confrontada pelo imperativo biográfico.* Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 32, nº2, maio/ago, 2006, p.329-343.

HUBERMAN, Michael. O ciclo da vida profissional dos professores. In: NÓVOA, Antônio. (org.) *Vidas de Professores*. 2ª ed. Porto, Portugal: Porto Editora, 1995, p. 31-59.

JOSSO, Marie Christine. *As figuras de ligação nos relatos de formação: ligações formadoras deformadoras e transformadoras*. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 32, nº2, maio/ago, 2006, p.373-384.

NÓVOA, Antônio. O professor e as histórias da sua vida. In: NÓVOA, Antônio. *Vidas de Professores.* 2ª ed., Porto, Portugal: Porto Editora, 1995 a.

_____. Diz-me como ensinas, dir-te-ei quem és e vice versa. In: FAZENDA, Ivani**.** *A pesquisa em educação e as transformações do conhecimento*. Campinas, Papirus, 1995 b, p. 29-41.

_____ O passado e o presente dos professores. In: NÓVOA, António. *Profissão professor.* Porto, Porto Editora, 1992.

_____*. Para o estudo sócio-histórico da gênese e desenvolvimento da profissão docente.* Teoria e Educação, Porto Alegre, Pannônica**,** nº 4, 1991 p.109-139

PINEAU, Gaston. *As histórias de vida em formação: gênese de uma corrente de pesquisa – ação - formação existencial.* Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 32, nº2, maio/ago, 2006, p.329-343.

SOUZA, Elizeu Clementino**.** *O conhecimento de sai. Estágios e narrativas de formação de professores.* Rio de Janeiro, DP&A; Salvador, BA, UNEB, 2006.

TARDIF, Maurice. *Saberes docentes e formação profissional*. 5ª ed. São Paulo, Vozes, 2002.

_____.Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários: elementos para uma epistemologia da prática puas conseqüências em relação à formação para o magistério. In: Revista Brasileira de Educação. Campinas, Anped – Autores Associados, nº 13, p. 05 – 21, jan./ abr. 2000.

_____ et al. *Os professores face ao saber docente.* In: Teoria e Educação. Porto Alegre, nº4, p.215 – 232, 1991.

ZEICHNER, Kenneth. M. *A formação reflexiva de professores: idéias e práticas*. Lisboa, Educa, 1993**.**

_____. Novos caminhos para o practicum: uma perspectiva para os anos 90. In: NÓVOA, Antônio (org.). *O professor e sua formação*. 2ª ed., Lisboa, Dom Quixote, 1995, p.115 -138.

_____. Para além da divisão professor pesquisador e professor acadêmico .In: GERALDI, Corinta M.G., FIORENTINI, Dario, PEREIRA, ElisabeteMonteiro de A. (orgs.) *Cartografia do trabalho docente: professor (a) pesquisador (a)* . São Paulo, Mercado de Letras/Associação de Leitura do Brasil, 1998, p.207 -236.